****

**O impacto da pandemia de COVID-19 na vida de alunos e pais**

**Vanessa Frattini[[1]](#footnote-1); Valleska O´Connor**[[2]](#footnote-2)**; Mariano Pimentel**[[3]](#footnote-3)

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo investigar como a pandemia de COVID-19 está afetando a vida de alunos e pais. Os professores que estavam acostumados a dar aulas presenciais, se viram obrigados a repensar seu planejamento para dar continuidades nas aulas, por meio da internet. A pandemia trouxe à tona diversos problemas sociais, educacionais e desigualdades econômicas. São requeridos conhecimentos pedagógicos específicos para esses outros métodos de aprendizagem que não fazem parte do domínio de todos os professores. Essa mudança brusca das aulas presenciais para online trouxe muitos desafios, possibilidades e oportunidades. Queremos refletir sobre a direção que a educação está tomando durante e após a pandemia que estamos enfrentando.

**PALAVRAS-CHAVE**: Educação Online; COVID-19; coronavirus, desafios na eduação, alunos, pais, mediação docente, interatividade, colaboração, tecnologias, interface digital.

**ABSTRACT**

This article aims to investigate how the COVID-19 pandemic is affecting the lives of students and parents. Teachers who were accustomed to teaching face-to-face classes, were forced to adjust their planning to continue with their classes through the internet. The pandemic has brought up several social, educational and economic inequalities. Specific pedagogical knowledge is required for these other learning methods that are not part of the domain of all teachers. This sudden change from classroom to online classes brought many challenges, possibilities and opportunities. We want to reflect on the direction that education is taking during and after the pandemic we are facing.

**KEYWORDS**: Online Education; COVID-19; coronavirus, educational challenges, students, parents, teaching mediation, interactivity, collaboration, technologies, digital interface

**Introdução**

O mundo enfrenta um momento crítico proveniente da pandemia do coronavírus (COVID-19). Uma das medidas tomadas para diminuir a propagação do vírus foi a interrupção nas atividades escolares. Com o cancelamento das aulas presenciais educadores se viram forçados a usar a internet para dar seguimento a educação. Essa crise trouxe a reflexão sobre a importância das Tecnologias da informação e comunicação (TIC) no contexto educacional e tornou urgente a necessidade de experimentar alguma modalidade não-presencial de educação, para garantir a continuidade das aulas.   
 O MEC dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19: “Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino.” (BRASIL, 2020).

Muitos professores não foram preparados para ministrar aulas online, não é possível seguir o planejamento de um curso presencial e usar a internet achando que está ministrando um curso de educação a distância, é necessário “orientar educadoras(es) de todos os níveis de ensino a estruturar espaços e atividades de aprendizagem de maneira remota”, conforme detalha o guia criado pela Sociedade Brasileira de Computação: [SBC-CEIE Ensino Remoto](https://www.sbc.org.br/noticias/2195-central-sbc-covid-19-material-de-apoio-as-atividades-a-distancia) (GUIA, 2020).

Os professores presenciais que não achavam necessário usar ferramentas mediadas pelas tecnologias digitais em rede, estão vendo que é a única solução. Muitos que não sabiam usá-las estão sendo “obrigados” a aprender, encontram dificuldade em fazer vídeo conferência, enviar mensagens, acompanhar as mensagens dos alunos e não conseguem transmitir o conhecimento como faziam em sala de aula. Essa dificuldade dos professores no uso da tecnologia, bem como a falta de planejamento das aulas online, tem gerado muita insatisfação nos alunos, que relatam, conforme veremos nas entrevistas realizadas, que estão perdidos, estressados e sobrecarregados, com tanto conteúdo e pouca interação com os professores.

Os pais de crianças e adolescentes em idade escolar também relatam muita frustração e ansiedade. Imagine a surpresa que foi para eles a notícia de que as escolas ficariam fechadas e eles teriam que ensinar o conteúdo das aulas aos seus filhos, que os professores postariam tarefas e dariam 2h de aula por vídeo conferência por semana. Foi exatamente isso que algumas mães relataram conforme veremos neste artigo. Elas estavam muito estressadas e esgotadas física e mentalmente, algumas se sentiam incapazes de ensinar matemática, por exemplo, visto que havia muitas coisas que não lembravam. A rotina de toda a família foi bruscamente alterada.

Há muitas coisas criativas que podem ser feitas em casa. Mas o desafio, é claro para os pais, é que eles estão lutando para trabalhar em casa e, em outros casos, tendo que sair de casa para fazer seu trabalho. Temos que estar cientes de que as famílias estão enfrentando inúmeros desafios agora. Se não tomarmos cuidado, corremos o risco de sobrecarregar as famílias. Temos que encontrar um equilíbrio entre o que as crianças precisam e o que as famílias podem fazer e como você mantém algum tipo de equilíbrio entre vida profissional e familiar no ambiente doméstico. (The Harvard Gazette, 2020, tradução nossa)

Estamos isolados em casa, não está funcionando promover o estudo usando a internet sem a interatividade e colaboração, “a relação entre aluno e conteúdo, com pouca mediação docente e pouca interatividade entre os estudantes, parecem práticas ruins em tempos de isolamento social decorrente da quarentena” (PIMENTEL, ARAÚJO, 2020).

Essa pandemia vai demorar alguns meses para acabar e até lá só quem estiver online poderá ensinar-aprender. É preciso treinar os professores, orientar aos pais, promover a interatividade (Silva, 2012) e a aprendizagem colaborativa. As formas de ensinar e aprender estão sofrendo transformações, países no mundo inteiro estão enfrentando as mesmas dificuldades. Estamos vivendo um momento histórico de reflexão e reavaliação no âmbito educacional. Paul Reville professor de Harvard disse em entrevista ao jornal da Universidade:

Precisamos de outra mudança de paradigma, onde analisamos nossos objetivos e aspirações para a educação, resumidos em frases como "Nenhuma criança é deixada para trás", "Todo aluno é bem-sucedido" e "Tudo significa tudo", e descobrimos como construir um sistema que tem a capacidade de cumprir essa promessa de eqüidade e excelência na educação para todos os nossos alunos, e tudo significa tudo. (The Harvard Gazette, 2020 tradução nossa)

Com o cancelamento das aulas presenciais educadores se viram forçados a usar a internet para dar seguimento a educação. Considerando os desafios impostos pela pandemia de COVID-19, este artigo apresenta o relato de alguns alunos e pais em relação a metodologia de ensino aplicada em sua instituição de ensino. Nosso objetivo é promover uma reflexão sobre o sistema de educação atual.

**Educar durante a pandemia... O que tem sido feito?**

Quem imaginaria que o ano de 2020 seria marcado por uma pandemia em escala global, e que esta causaria tantas mudanças nos sistemas de educação ao redor do mundo. Da noite para o dia vimos todas as escolas serem fechadas (lockdown) e professores se sentirem totalmente perdidos sem saber como dar seguimento ao seu cronograma escolar sem uma sala de aula física. O impacto do coronavírus na sociedade tem sido discutido por muitos pesquisadores. A revista Science declarou que de janeiro a maio deste ano 23 mil artigos haviam sido publicados e esse número se duplica a cada 20 dias. Mas, o que tem sido feito para educar em tempos de pandemia?

Na China, o Ministério da Educação criou o programa ‘*School’s out, but class’s on’* (Escola fechou, mas as aulas continuam) que promove a idéia de suspender as aulas sem interromper o ensino e a aprendizagem (Cheng, 2020). Pesquisadores tem investigado maneiras de se ajustar a nova forma de educar. Cai e Wang (2020) desenvolveram um método de ensino on-line de seis etapas baseado na aprendizagem autônoma e já o tem colocado em prática em algumas escolas. O primeiro passo do método é a distribuição das tarefas escolares para os alunos. A partir daí os alunos estudam o material sozinhos e tentam resolver as tarefas e submeter na plataforma. O passo seguinte é criar grupos de estudo para discutir as dúvidas encontradas e tentar resolver as tarefas restantes. Por fim, as dúvidas que não tiverem sido resolvidas são postadas na plataforma para que o professor as explique a turma.

Nos Estados Unidos, medidas foram tomadas para que os alunos tivessem acesso a um computador/laptop ou tablet em casa, e também planos de internet a custo benefício foram oferecidos aos pais para garantir a conexão com a plataforma escolar (Education, 2020). Instituições públicas de ensino compraram licenças de aplicativos, como Zoom, distribuindo-as entre os professores para realização de suas aulas online. Nas escolas de Miami-Dade e Broward os professores designam tarefas escolares para os alunos realizarem durante a semana. Os encontros com a turma são realizados por uma hora e podem variar de uma a duas vezes na semana.

No Brasil, professores tem procurado maneiras de seguir em frente, alguns usam de ferramentas disponíveis gratuitamente, como Google Meet e Google Forms, para passar tarefas aos alunos. Pimentel e de Carvalho (2020) relatam ter acompanhado o ‘corre-corre’ de alguns professores que perdidos não sabiam o que fazer.

Muitos professores não sabiam usar ferramentas mediadas pelas tecnologias digitais em rede e agora sem ter outra opção se veem “obrigados” a aprender. Eles encontram dificuldade em fazer aulas de vídeo, enviar mensagens, acompanhar as mensagens dos alunos e não conseguem transmitir o conhecimento como faziam em sala de aula. Essa crise decorrente da pandemia e do fechamento das escolas trouxe a reflexão sobre a importância das Tecnologias da informação e comunicação (TIC) no contexto educacional e tornou urgente a necessidade de experimentar alguma modalidade não-presencial de educação, para garantir a continuidade das aulas. A verdade é que fomos pegos de surpresa, e sem ter experiência com as TICs e nenhum planejamento muitos professores têm seguido em frente à base de tentativa-erro.

Em busca de uma indicação se estamos caminhando na direção correta realizamos uma entrevista com pais, professores e alunos. Os resultados desta entrevista são discutidos na sessão seguinte.

**Relato de alunos e pais impactados pelas mudanças causadas pelo Covid-19**

Os pais de crianças e adolescentes em idade escolar também tem enfrentado muita dificuldade, frustração e ansiedade. Imagine que de um dia para o outro você receba a notícia de que as escolas seriam fechadas, seus filhos ficariam o dia inteiro em casa, e seria responsabilidade sua, na grande maioria, ensinar o conteúdo das aulas. Muitos pais relatam se sentir no meio de uma avalanche! Os filhos estudantes também têm sofrido grande ansiedade: sentem falta dos amigos da escola, se sentem sobrecarregados de tantas tarefas, dizem “ter que se virar sozinhos para entender o conteúdo”, etc. Para melhor compreender o impacto que as mudanças na maneira de ensinar têm na vida dos alunos e pais, realizamos uma entrevista com indivíduos do Brasil e dos Estados Unidos (país onde uma das escritoras deste artigo reside). Adotamos o Método de Explicitação do Discurso (MEDS) (Nicolaci-da-Costa, 2007), cujo objetivo é ouvir com atenção e detalhadamente aquilo que os entrevistados têm a dizer sobre o assunto, considerando que aquilo que é importante para alguém relacionado a um tema inevitavelmente aparecerá no seu discurso espontâneo sobre o mesmo. Pelo caráter detalhista e qualitativo da pesquisa tivemos uma amostra de 9 indivíduos sendo três mães, quatro alunos e dois professores. A faixa etária dos alunos entrevistados foi de 8 a 17 anos de idade, a idade dos pais foi entre 30 e 40 anos.

No discurso das mães foi possível perceber o desafio em reajustar a rotina em casa, especialmente para aquelas que trabalham fora. Grande foi a reclamação sobre o pouco tempo que os professores dedicam a turma, “*a escola devia fazer zoom por mais tempo, a professora dava a tarefa do dia e saia*” diz uma mãe. Outra mãe entrevistada relata que os professores pareciam perdidos na plataforma não estavam bem treinados, ela diz que ficou “*muito estressada, o professor passava muitas tarefas e não explicava*”. Ficou evidente o desespero e frustação das mães. Se a educação tiver que permanecer online a “*escola precisa se preparar e dar mais suporte aos pais*”. A falta de uma programação também foi citado pelos entrevistados “*gostaria de ter um horário para seguir*” diz uma das mães, “*minha filha acessa a plataforma a qualquer hora, mas na escola existe uma programação*”.

Todos os estudantes entrevistados tinham uma reclamação em comum: “*eu não gosto da quantidade de dever que ela (professora) passa, é muito mais do que deveria, na escola não era assim* (10 anos)”; “*é muita pressão, muito mais trabalho... eu abro o aplicativo, vejo as mensagens de todos os professores, fecho e volto a dormir* (14 anos)”. Os alunos se sentem sobrecarregados com a demanda de tarefas passada pelos professores. Essa enxurrada de exercícios sem o suporte necessário tem causado muita ansiedade nos alunos. Certa mãe relata que as filhas ficaram muito “*ansiosas por que não entendiam o que era pra fazer, elas choravam e não conseguiam dormir*”.

Como tem sido a interação professor-turma durante a pandemia? O relato dos alunos mostra que eles têm pouquíssima ou nenhuma interação com seus professores. Em algumas escolas os professores são instruídos a não se comunicar diretamente com os alunos, mas apenas preparar a apostila com o conteúdo e exercícios. Uma professora diz “*eu não sei como está o desenvolvimento dos meus alunos, eu envio as tarefas mas não sou eu quem corrige*”; “*eu criei uma conta no IG pra passar para meus alunos, mas fomos orientados a não fazer isso*”. Uma estudante relata que nas aulas dela no aplicativo Zoom “*somente o professor fala, ele apresenta o power point, a maioria dos alunos nem ligam a câmera, apenas escutamos o professor* (14 anos)”. Outra aluna diz que “*a professora não fala diretamente com a gente, ela passa tudo pela mãe representante* (10 anos)”. Percebemos a sensação de abandono por parte dos alunos: “*agora eu tenho que correr atrás do conteúdo* (17 anos)”; “*as aulas online não ajudam, eu faço tudo do meu jeito* (14 anos)”; “*a professora grava um vídeo explicando os exercícios e posta no Youtube pra turma* (10 anos)”. Tais praticas de educação tem resultado em frustração, desinteresse e desânimo como notamos na fala dos alunos a seguir:

“*a reunião online tem 20 pessoas, mas só aparecem 8*” (17 anos);

“*não dá certo ficar estudando em casa* (10 anos)”;

“*Cansei prefiro minha escola, meus amigos* (8 anos)”.

**Princípios da Interatividade**

Nosso grupo de pesquisa ComunicaTEC investiga o desenvolvimento e o uso de ferramentas de aprendizagem que possibilitem a colaboração na Educação a Distância (EAD) há mais de 15 anos. Compreendemos que esses meios de conversação têm potencial para promover a motivação, a participação, a interatividade e o engajamento dos alunos num curso a distância.

O sentimento de isolamento é uma das principais causas de abandono dos cursos a distância (Silva, 2016). Conforme declarado pelos alunos de Educação a Distância (EAD) que se decepcionaram e evadiram cursos de EAD, a ausência de interação é um dos principais fatores na decisão de abandonar o curso. O abandono dos cursos na modalidade a distância é o problema que nosso grupo de pesquisa busca diminuir com os desenvolvimentos de sistemas de bate-papo mais adequados para o uso no contexto educacional.

Estamos isolados em casa, não está funcionando promover o estudo usando a internet sem a interatividade e colaboração, “a relação entre aluno e conteúdo, com pouca mediação docente e pouca interatividade entre os estudantes, parecem práticas ruins em tempos de isolamento social decorrente da quarentena” (PIMENTEL, ARAÚJO, 2020). Essa pandemia vai demorar alguns meses para acabar e até lá só quem estiver online poderá ensinar-aprender. Por isso, é preciso treinar os professores, orientar aos pais, promover a interatividade (Silva, 2012) e a aprendizagem colaborativa.

Paulo Freire, filósofo e educador no final da década de 1960 já denunciava o modelo educacional de transmissão de conhecimento “onde nesta distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação e não há saber”. (HARPER *et al*., 1980). Infelizmente hoje (quase seis décadas depois de Freire), a prática pedagógica adotada na maioria das salas de aula presenciais e online ainda é baseada na cultura da transmissão de informação. Nas salas de aula presenciais, tradicionalmente os alunos se sentam de frente para o quadro e permanecem a maioria do tempo olhando para o professor, ouvindo as explicações ou copiando o conteúdo e as tarefas passadas pelo professor. O professor se posiciona como o detentor do conhecimento, o dono do saber que deve ser transmitido, enquanto os alunos são colocados na posição de receptores passivos dos ensinamentos do professor e permanecem na maioria do tempo ouvindo as explicações e realizando tarefas.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (...) Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (Freire, 2014, p 80,81)

Paulo Freire (1982) diz que a própria escola impõe, não nos habitua a discutir:

Como, porém, aprender a discutir e a debater em uma escola que não nos habitua a discutir, porque somente impõe? Ditamos idéias, não trocamos idéias. Discursamos aulas, não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando, não trabalhamos com ele. Impomos uma ordem a que ele não se ajusta de forma concordante ou discordante, mas apenas se acomoda. Não o ensinamos a pensar, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora, porque a incorporação é o resultado da busca de algo, que exige, de quem o tenta, esforço de realização e procura, exige reinvenção (FREIRE, 1982).

Neste cenário a comunicação entre e por parte dos alunos é algo mal visto (Silva, 2016).



Aluno silenciado. (HARPER et al., 1980, p.47).

Estamos observando que transferir essa cultura para as aulas online, especialmente em época de pandemia e isolamento social é uma decisão ruim.

A educação a distância é uma modalidade educacional historicamente mediada por mídias de massa (impressos, audiovisuais em geral), que mantém a emissão do conteúdo nas mãos do professor.

A EAD é uma modalidade educacional historicamente mediada por mídias de massa (impressos, audiovisuais em geral), que não liberam o polo da emissão. Assim, os aprendentes interagem com o desenho e os materiais didáticos sem cocriar, juntamente com seus colegas e professores, o conhecimento. As mídias de massa não permitem interatividade no sentido do *mais comunicacional*, do cocriar a mensagem. Por conta do limite da mídia de massa, a modalidade a distância privilegia pedagogicamente os conceitos de ‘auto-aprendizagem’ e ‘autoestudo’. O sujeito interage com o material e aprende por esta mediação. A aprendizagem colaborativa não é vivenciada pelo aprendente. Neste modelo, a qualidade dos processos é centrada no desenho didático ou instrucional, geralmente instrucionistas. A interação social, quando acontece, é de um para um, ou seja, professor/aluno – aluno/professor (SANTOS, E., 2010, p.37, 44).

Assim, os alunos interagem com o desenho e os materiais didáticos sem liberdade de cocriar. As mídias de massa não permitem interatividade no sentido do mais comunicacional. Por conta do limite da mídia de massa, a modalidade a distância privilegia pedagogicamente os conceitos de “auto-aprendizagem” e “autoestudo”. O sujeito interage com o material e aprende por esta mediação. A aprendizagem colaborativa não é vivenciada pelo aprendente. (SANTOS, E., 2010).

Santos (2010) diz que quando a metodologia e a atuação do professor se baseam nas lógicas de EAD de massa, não ocorre bom uso das tecnologias de conversação disponíveis:

Avaliamos oito cursos online e constatamos que os ambientes virtuais utilizados poderiam potencializar um processo de ensino-aprendizagem mais interativo, por conta das potencialidades de suas interfaces de comunicação síncronas e assíncronas. Contudo, o paradigma educacional, na maior parte dos cursos, ainda centrava-se na pedagogia da transmissão, na lógica da mídia de massa, na auto-aprendizagem e nos modelos de tutoria reativa. Enfim, o “online” era só a tecnologia. A metodologia e a atuação docente ainda se baseavam nas clássicas lógicas da EAD de massa. (SANTOS, 2010, p. 5660)

A educação online, por outro lado é o conjunto de ações de ensino e aprendizagem ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextuais.

Na educação online o professor projeta ambiências conversacionais usando meios de comunicação como: e-mail, fórum, bate-papo, torpedos etc. A experiência do aluno é baseada na colaboração, ocorre uma discussão intensiva e autoral, não se baseia na transmissão-assimilação de conteúdos. (FRATTINI, 2018)

Pimentel e de Carvalho alertam que o “ruim” na modalidade presencial torna-se o “péssimo” na modalidade a distância (2020). Como notamos pelas entrevistas, os alunos têm interagido apenas com o material didático, listas de tarefas, apostilas. As aulas quando realizadas, são apenas para esclarecimento de dúvidas ou apresentação de Power point. Muitos alunos estão até mesmo sendo privados de se comunicar com seus professores. Precisamos de aulas mais participativas, autorais, interativas, dialógicas no presencial, e a necessidade é infinitamente maior no online. Marcos Silva aponta para a interatividade como um fenômeno emergente dessa nova Sociedade da Informação (SILVA, 2012). A ideia é estimular a construção colaborativa do conhecimento pelos alunos, mediados pelo professor, com base em discussão, co-autoria, projetos em grupo, dentre outras práticas pedagógicas. A mediação docente é essencial para promover a interatividade. Mudar a situação atual requer uma nova atitude, conforme discute Silva (2012, p 27):

A sala de aula interativa seria o ambiente em que o professor interrompe a tradição do falar/ditar, deixando de identificar-se como o contador de histórias, e adota uma postura semelhante a do designer de software. Ele constrói um conjunto de territórios a serem explorados pelos alunos e disponibiliza coautoria e múltiplas conexões, permitindo que o aluno também faça por si mesmo (SILVA, 2012).

Para explicar os fundamentos de interatividade, Silva (2001) menciona o “parangolé” do artista plástico carioca Hélio Oiticica (1937-1980):

O indivíduo veste o parangolé que pode ser uma capa feita com camadas de panos coloridos que se revelam à medida que ele se movimenta correndo ou dançando. Oiticica o convida a participar do tempo da criação de sua obra e oferece entradas múltiplas e labirínticas que permitem a imersão e intervenção do “participador”, que nela inscreve sua emoção, sua intuição, seus anseios, seu gosto, sua imaginação, sua inteligência. Assim a obra requer “completação” e não simplesmente contemplação. Segundo o próprio Oiticica, “o participador lhe empresta os significados correspondentes - algo é previsto pelo artista, mas as significações emprestadas são possibilidades suscitadas pela obra não previstas, incluindo a não-participação nas suas inúmeras possibilidades também” (SILVA, 2001).

O objetivo do Parangolé é possibilitar que o público participe na atividade de criação do espetáculo e deixe de ser apenas espectador.

Interatividade é um princípio do mundo digital e da cibercultura, isto é, do novo ambiente comunicacional baseado na internet, no site, no game, no software. Interatividade significa libertação do constrangimento diante da lógica da transmissão que predominou no século XX. É o modo de comunicação que vem desafiar a mídia de massa – rádio, cinema, imprensa e tv – a buscar a participação do público para se adequar ao movimento das tecnologias interativas. É o modo de comunicação que vem desafiar professores e gestores da educação, igualmente centrados no paradigma da transmissão, a buscar a construção da sala de aula onde a aprendizagem se dá com a participação e cooperação dos alunos. (SILVA, 2001)

Quando relacionamos a ilustração do Parangolé com a sala de aula, promover a interatividade possibilita que o aluno participe da construção do conhecimento. O professor sai do papel principal e compartilha a criação da aula com os alunos.

Segundo Silva e Siqueira (2016), as tecnologias são úteis em diferentes ambientes, seja em sala de aula ou ao ar livre, criando novos espaços de comunicação e interação nas redes sociais. Portanto, é importante investigar como os professores e alunos podem utilizar essas tecnologias para tornar as aulas mais interativas e auxiliar o processo de aprendizagem.

**Como promover a interatividade e praticar uma boa mediação docente em época de pandemia?**

A educação a distância é uma modalidade educacional historicamente mediada por mídias de massa (impressos, audiovisuais em geral). Assim, os alunos interagem com o desenho e os materiais didáticos sem liberdade de cocriar. Por conta da limitação dessas mídias de massa (não permitem interatividade no sentido do mais comunicacional), a modalidade a distância privilegia pedagogicamente os conceitos de “auto-aprendizagem” e “autoestudo”. O sujeito interage com o material e aprende por esta mediação. A educação online, por outro lado é o conjunto de ações de ensino e aprendizagem ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextuais.

Na educação online o professor precisa estar capacitado para realizar a mediação docente, onde deve buscar a interatividade tanto entre professores e alunos, quanto de alunos para alunos:

Compreendemos a mediação docente como um ato, uma ação ou uma prática mediadora entre a turma e o objeto de conhecimento a ser construído colaborativamente, sendo fundamental para o processo formativo dos aprendentes. A mediação deve buscar a interatividade docente-discentes e discentes-discentes requerendo uma postura participativa, com discussão que aprofunde e amplie o conteúdo proposto, que amplie a visão crítica, que articule a construção do conhecimento a partir do diálogo com todos. A discussão é o que nos possibilita compreender e reconhecer as pluralidades das relações que estabelecemos com o nosso cotidiano, com as problemáticas que delas emergem na medida em que respondemos as complexidades das nossas questões, que não estão perspectivadas de um modo padronizado de respostas, mas sim heterogêneas e plurais. “A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio” (FREIRE, 1967, p. 44). Para dar conta da pluralidade das relações existentes no mundo, em busca e no jogo de novas respostas, nas quais perguntas novas também emergem, o homem transcende. (SANTOS e colaboradores., 2016)

A mediação docente é essencial para promover a interatividade. Silva (2014) menciona que ao interagir com os alunos através das redes sociais ou ambientes virtuais de aprendizagem, os professores poderão expressar suas emoções e criar um ambiente confortável para os alunos expressarem suas opiniões e sentimentos:

Ao tutor caberia refletir sobre o que esse processo envolve em termos do planejamento e desenvolvimento do curso, tendo em vista os espaços de interação discursiva criados e os recursos tecnológicos disponíveis para o alcance de objetivos educacionais. Nesse sentido, no seu contexto de atuação profissional, a tarefa altamente complexa do professor consiste em planejar, organizar e viabilizar experiências de aprendizagem de sucesso (SILVA, 2014).

Seguindo esses conceitos discutiremos a seguir 3 princípios de Pimentel e de Carvalho (2020) que julgamos ser essenciais para uma boa mediação docente online.

1. **Curadoria e conhecimento como obra aberta:**

O conhecimento científico é construído socialmente através da investigação de atores. E é definido como um fato científico até um novo autor questioná-lo e reabrir as investigações. A lição é simples, as teorias científicas mudam com o tempo e com novas evidências. O que sabemos hoje é diferente do que as pessoas acreditavam há séculos atrás. A ciência está sempre renovando-se e sendo reconstruída. Por isso o primeiro passo para uma boa mediação docente é apresentar o conhecimento como uma obra aberta que pode ser questionado e construído em conjunto. Desta forma, o professor renuncia o papel de ‘detentor do conhecimento’ e assume o papel de ‘curador’. No latim "*curator*", quer dizer "aquele que administra". Com isso em mente, o professor mediador realizará a busca de novos conteúdos. Como um curador ele sintetizará a informação criando um roteiro de estudo para a turma.

1. **Ambiências computacionais diversas:**

A internet nos fornece um leque de possibilidades de ambientes virtuais que podem ser usados a favor da aprendizagem. O professor que deseja promover uma boa mediação docente deverá conhecer e se familiarizar com os diferentes aplicativos, plataformas, redes sociais, etc. Existem muito bons recursos gratuitos disponíveis na internet que possibilitam a colaboração e interatividade e podem auxiliar desde a edição de conteúdo, compartilhamento de ideias, jogos educativos, etc. Incorpore tais ambientes virtuais em suas aulas.

A picture containing drawing

Description automatically generated

Diferentes aplicativos disponíveis. Pimentel e de Carvalho (2020)

1. **Colaboração e Interatividade**

Promover a colaboração numa sala de aula online não significa deixar os alunos conversarem apenas entre eles. Por meio do estudo em grupo, professor e aluno tecem o conhecimento em conjunto. Conforme observamos nas entrevistas, os poucos professores que dão aula online durante a pandemia usam esse momento para dar aula expositiva ou apenas tirar dúvidas. Entretanto, para que haja interatividade o professor precisa planejar a situação conversacional, pensar em perguntas de ponto de vista, levantar questionamentos com base no roteiro de estudo. E, fazer uso dos ambientes virtuais disponíveis que apoiem esse tipo de aula, como por exemplo Zoom (permite realizar reuniões de até 40 minutos grátis) ou Google HangOut para videoconferências; WhatsApp ou Facebook que possibilitam criação de grupos e envio de mensagens instantânea. Há sempre novos aplicativos na internet, adotá-los como parte da rotina da turma ajudará a diminuir a sensação de isolamento e desânimo tão comuns durante a quarentena.

**Conclusão**

As entrevistas apresentadas neste artigo nos mostram que transferir a mesma dinâmica de sala de aula presencial para o online não está funcionando. A crise educacional gerada pela pandemia está expondo os erros praticados há muito tempo na maneira de educar no presencial. Conforme vimos neste artigo, o modo de educação estático, focado em tarefas e na transmissão do conteúdo pelo professor não tem gerado bons resultados nesta pandemia e tem tornado a experiência de educação online do aluno algo traumatizante. O fechamento das escolas tornou ainda mais evidente a necessidade de uma nova metodologia de ensino. Consideramos aqui alguns princípios que acreditamos ser essenciais para essa mudança na metodologia. Estamos vivendo um momento histórico de reflexão e reavaliação no âmbito educacional. Ansiamos perpetuar discussões como esta sobre o sistema de educação atual com a esperança de que colaborativamente construiremos o modelo mais adequado a nossa sociedade.

**Referências**

ABRAEAD - Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância; 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 mar. 2020. p. 39. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 31 mar. 2020.

CHENG, X., 2020. Challenges of “School’s Out, But Class’s On” to School Education: Practical Exploration of Chinese Schools during the COVID-19 Pandemic.

CAI; WANG., 2020. Disponível em: < http://scinedu.bonoi.org/sites/default/files/files/Report2\_BECE-V4N2-15Mar2020\_QZW.pdf

>. Acesso em 30 de Maio 2020

Education, 2020. Disponivel em < <https://www.edweek.org/ew/articles/2020/06/03/coronavirus-pushes-schools-closer-to-a-computer.html>> Acessado em 20 de Julho de 2020.

FRATTINI, V.C.M.S.; Pimentel, M. Reportando as sessões de bate-papo no contexto educacional, ABCIBER, 2018

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade [Education as the Practice of Freedom]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. 1982.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Paulo Freire - 58. ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

GUIA SBC-CEIE Ensino Remoto. SBC, 2020. Disponível online: https://www.sbc.org.br/noticias/2195-central-sbc-covid-19-material-de-apoio-as-atividades-a-distancia. Acesso em: 03 Ago. 2020.

HARPER, BABETTE; CECCON, CLAUDIUS; OLIVEIRA, MIGUEL DARCY DE; OLIVEIRA, ROSISKA DARCY DE; FREIRA, PAULO (Orgs.). “Cuidado, Escola! desigualdade, domesticação e algumas saídas”. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). Psicologia: reflexão e crítica, v. 20, n. 1, p. 65-73, 2007.

PIMENTEL, M; Araujo, R. #FiqueEmCasa, mas se mantenha ensinando-aprendendo: algumas questões educacionais em tempos de pandemia. Horizontes SBC, 2020. Disponível em: http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/03/30/fiqueemcasa/?fbclid=IwAR38PAGTY15NMd21loZOnFHuIpO6jLBk0QVf85XcFt0BzcdqGvy2PLRufgI. Acesso em: 31 mar. 2020.

PIMENTEL, M., De Carvalho, F., 2020. Princípios da Educação Online: para sua aula não ficar massiva nem maçante!< <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/05/23/principios-educacaoonline/?fbclid=IwAR0NXUDR9R7VOyYq1t82fK8l9Y_n4BZB0j6qkFvjhUHbXznqBhI453rFjs0>> Acessado em 23 de Julho 2020.

SANTOS, E.; SILVA, Marco. O desenho didático interativo na educação online. Revista Iberoamericana de Educación, n. 49, p. 267-287, 2009

SANTOS, E. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. SILVA, M. et. al (org.). Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicos. Rio de Janeiro: wak, p. 29-48, 2010.

SANTOS, Edméa Oliveira; DE CARVALHO, Felipe da Silva Ponte; PIMENTEL, Mariano. Mediação docente online para colaboração: notas de uma pesquisa-formação na cibercultura. ETD: Educaçao Temática Digital, v. 18, n. 1, p. 23-42, 2016.

SILVA, M., Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet.Silva (2001)

SILVA, M. Sala de aula interativa. 6a ed. Rio de Janeiro : Loyola; 2012

SILVA, V.C.M.,2014, “Mapeamento de perfis de alunos em redes sociais online utilizadas para ensino-aprendizagem”, Dissertação de Mestrado, UNIRIO- PPGI

SILVA, Valleska; PIMENTEL, Mariano; DIAS, Vânia Félix. Bate-papo colaborativo ou centrado no professor? In: 26. Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. Salvador, BA, SBC, 2015. Disponível em: < http://goo.gl/MkSRKl>. Acesso em: 01 Ago. 2020.

SILVA, Valleska, 2016, “Análise da centralidade no bate-papo: conversação em rede ou centrada no professor”, Dissertação de Mestrado, UNIRIO- PPGI

SILVA, V.C.M; SIQUEIRA, S.W. M. Analysing Students' Interactions through Social Presence and Social Network Metrics. International Association for Development of the Information Society, 2016.

SCIENCE, 2020. Reportagem de 13 de maio, 2020. Disponível em < https://www.sciencemag.org/news/2020/05/scientists-are-drowning-covid-19-papers-can-new-tools-keep-them-afloat>

The Harvard Gazette, Time to fix American education with race-for-space resolve. 10 de Abril de 2020. Disponível em: <https://news.harvard.edu/gazette/story/2020/04/the-pandemics-impact-on-education/>. Acesso em 30 de Maio 2020.

1. Doutoranda no programa de pós-graduação em Informática na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: vanessa.martins@uniriotec.br [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestre em Informática na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e participa do Grupo de Pesquisa Comunicatec. E-mail: valleskacm@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Professor na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e participa do Grupo de Pesquisa Comunicatec. E-mail: pimentel@uniriotec.br [↑](#footnote-ref-3)